

Contini e a poética Siciliana

Contini and the Sicilian Poetics

Contini y la poética Siciliana

DOI: 10.55905/rmuscv3n2-004

Recebido: 1/9/2025

Aceito: 25/9/2025

Maria Cecilia Casini¹

RESUMO

Este artigo investiga as relações entre a língua siciliana e a crítica literária de Gianfranco Contini, com ênfase na dimensão filológica e estilística que permeia sua análise da poesia dialetal. A justificativa reside na necessidade de revisitar a contribuição de Contini para além do cânone toscano, destacando a Sicília como espaço de pluralidade linguística e cultural. O objetivo geral é examinar como a noção de “dialeto ilustre” proposta por Contini dialoga com a tradição poética siciliana, desde a Escola Siciliana até expressões contemporâneas. Metodologicamente, adota-se a análise bibliográfica e a leitura crítica de excertos da obra *Letteratura Italiana delle origini*, com foco no capítulo dedicado a Giacomo da Lentini. Como corpus, toma-se o poema *Parannu cu na stidda*, de Giuseppe Gerbino, para ilustrar a persistência de traços morfológicos, fonéticos e métricos que caracterizam a escrita siciliana. O arcabouço teórico ancora-se em Contini (1977; 2013) e em estudiosos da variação linguística na Itália, como Masini (2016). Os resultados indicam que a abordagem continiana permite compreender o siciliano não como desvio, mas como sistema linguístico complexo, marcado por hibridismo histórico e resistência cultural. Conclui-se que a poesia siciliana contemporânea mantém viva uma tradição que desafia homogeneizações e enriquece o panorama literário italiano.

Palavras-chave: Gianfranco Contini, língua siciliana, filologia, poesia dialetal, variação linguística, crítica estilística.

ABSTRACT

This article investigates the relationship between the Sicilian language and Gianfranco Contini's literary criticism, with an emphasis on the philological and stylistic dimension that permeates his analysis of dialectal poetry. The rationale lies in the need to revisit Contini's contribution beyond the Tuscan canon, highlighting Sicily as a space of linguistic and cultural plurality. The general objective is to examine how the notion of the "illustrious dialect" proposed by Contini interacts with the Sicilian poetic tradition, from the Sicilian School to contemporary expressions. Methodologically, it adopts bibliographic analysis and critical reading of excerpts from the work *Letteratura Italiana delle origini*, focusing on the chapter dedicated to Giacomo da Lentini. The corpus

¹ Doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada), Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: casini@usp.br

includes the poem *Parannu cu na stidda* by Giuseppe Gerbino, to illustrate the persistence of morphological, phonetic, and metrical features that characterize Sicilian writing. The theoretical framework is anchored in Contini (1977; 2013) and scholars of linguistic variation in Italy, such as Masini (2016). The results indicate that the Continian approach allows us to understand Sicilian not as a deviation, but as a complex linguistic system, marked by historical hybridism and cultural resistance. It is concluded that contemporary Sicilian poetry keeps alive a tradition that challenges homogenization and enriches the Italian literary landscape.

Keywords: Gianfranco Contini, Sicilian language, philology, dialectal poetry, linguistic variation, stylistic criticism.

RESUMEN

Este artículo investiga las relaciones entre la lengua siciliana y la crítica literaria de Gianfranco Contini, con énfasis en la dimensión filológica y estilística que impregna su análisis de la poesía dialectal. La justificación reside en la necesidad de revisitar la contribución de Contini más allá del canon toscano, destacando a Sicilia como espacio de pluralidad lingüística y cultural. El objetivo general es examinar cómo la noción de "dialecto ilustre" propuesta por Contini dialoga con la tradición poética siciliana, desde la Escuela Siciliana hasta las expresiones contemporáneas. Metodológicamente, se adopta el análisis bibliográfico y la lectura crítica de extractos de la obra *Letteratura Italiana delle origini*, con foco en el capítulo dedicado a Giacomo da Lentini. Como corpus, se toma el poema *Parannu cu na stidda*, de Giuseppe Gerbino, para ilustrar la persistencia de rasgos morfológicos, fonéticos y métricos que caracterizan la escritura siciliana. El marco teórico se ancla en Contini (1977; 2013) y en estudiosos de la variación lingüística en Italia, como Masini (2016). Los resultados indican que el enfoque continiano permite comprender el siciliano no como una desviación, sino como un sistema lingüístico complejo, marcado por el hibridismo histórico y la resistencia cultural. Se concluye que la poesía siciliana contemporánea mantiene viva una tradición que desafía las homogeneizaciones y enriquece el panorama literario italiano.

Palabras clave: Gianfranco Contini, lengua siciliana, filología, poesía dialectal, variación lingüística, crítica estilística.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre língua, literatura e identidade cultural constitui um eixo fundamental para a compreensão das dinâmicas históricas e simbólicas que moldam as expressões artísticas. No contexto italiano, onde a diversidade dialetal convive com a hegemonia do toscano literário, a obra do crítico Gianfranco Contini emerge como um

farol interpretativo capaz de iluminar as nuances muitas vezes negligenciadas das tradições linguísticas regionais. Este artigo dedica-se a explorar o diálogo entre a crítica continiana e a poética siciliana, entendendo esta última não como manifestação marginal, mas como vetor de uma complexidade filológica e cultural que desafia simplificações.

A justificativa para tal empreendimento reside na percepção de que a Sicília, pela sua história de conquistas e fusões culturais, encarna um laboratório linguístico singular. Sua poesia, desde a Escola Siciliana do século XIII até as vozes contemporâneas, carrega marcas fonéticas, morfológicas e sintáticas que refletem camadas históricas de influência árabe, normanda, provençal e latina. Contini, em sua análise minuciosa, não apenas reconhece essa riqueza, mas a eleva à condição de objeto digno de estudo filológico rigoroso, afastando-se de visões que reduzem os dialetos a meros desvios da norma culta.

O problema que orienta esta reflexão pode ser assim formulado: de que maneira a crítica de Gianfranco Contini permite ressignificar a língua siciliana como sistema poético autônomo e historicamente constituído? Parte-se da hipótese de que a noção de “dialeto ilustre”, cunhada por Contini, oferece um instrumental teórico capaz de superar dicotomias entre centro e periferia, revelando how the Sicilian poetic tradition articulates its own aesthetic and linguistic coherence.

O arcabouço teórico apoia-se principalmente nos escritos de Contini (1977; 2013), nos quais o autor desenvolve sua metodologia de crítica das variantes e sua atenção aos aspectos formais e históricos dos textos. Dialoga-se também com estudiosos como Masini (2016), que abordam a questão da variação linguística na Itália, e com contribuições da sociolinguística e da filosofia da linguagem que enfatizam o carácter dinâmico e político das línguas.

A estrutura do artigo organiza-se em três momentos principais. O primeiro capítulo aborda a trajetória intelectual de Gianfranco Contini, destacando os pilares de sua crítica filológica e sua abertura para as manifestações dialetais. O segundo capítulo volta-se para a Sicília, examinando sua formação histórica e linguística, com ênfase nos elementos que distinguem o siciliano do italiano padrão. O terceiro capítulo articula teoria e análise, tomando o poema *Parannu cu na stidda* como estudo de caso para observar como a escrita poética siciliana atualiza e ressignifica sua herança cultural. Por fim, as considerações finais retomam a hipótese inicial, avaliando em que medida a perspectiva continiana contribui para uma visão mais plural e menos centralizadora da literatura

italiana.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Há uma pergunta que precede qualquer análise textual: o que significa habitar uma língua? A filologia, em sua acepção mais profunda, não é uma resposta, mas um modo de persistir nesse questionamento. Gianfranco Contini não a entendia como uma técnica de restauro, uma arqueologia do sentido original, e sim como uma escuta atenta ao sussurro das variantes, à polifonia que habita toda escrita digna desse nome. Seu gesto crítico não busca silenciar as vozes laterais em nome de uma versão autorizada; pelo contrário, ele as convoca para o centro do diálogo. A obra literária, assim, deixa de ser um monumento estático para se tornar um campo de forças, um organismo vivo onde passado e presente, o estabelecido e o possível, coexistem em tensão criadora.

Essa visão encontra sua expressão mais radical na chamada “crítica das variantes”. Longe de ser um mero inventário de diferenças entre manuscritos, essa prática revela que a criação não é um ato pontual, mas um contínuo devenir. Cada rascunho, cada correção, cada hesitação do autor não é um desvio a ser corrigido, mas uma janela para o laboratório do pensamento. O que está em jogo não é a fidelidade a um suposto original, mas o reconhecimento de que o literário se constitui justamente nesse jogo entre o dito e o não-dito, entre a forma escolhida e as formas descartadas. A filologia, nesse sentido, é a arte de ler nas entrelinhas, de perceber as sombras que as palavras projetam.

Ao voltar-se para a poesia dialetal, em especial a siciliana, o pensamento de Contini adquire uma dimensão ética e política. A tradição crítica dominante tendeu a enxergar os dialetos como estágios preliminares, desvios regionais a serem superados pela unificação linguística. Contini opera uma inversão decisiva: o dialeto não é um resquício, mas uma língua plena, com sua própria história, sua gramática interna e sua capacidade de expressão do universal. O conceito de “dialeto ilustre” não é um oxímoro, mas a constatação de que o particular é a via de acesso mais genuína ao geral. A língua siciliana, forjada no cruzamento de civilizações, carrega em sua estrutura fonética e morfológica a memória de encontros e conflitos seculares. Ela não fala sobre a história; ela é a história em estado de linguagem.

Esta compreensão ressoa com certas reflexões da filosofia contemporânea sobre a

relação entre linguagem e mundo. Não se trata de aplicar teorias externas ao objeto, mas de perceber como o trabalho filológico já é, em si, um gesto filosófico. A atenção às variantes é um reconhecimento da contingência, da fragilidade e da abertura que define a condição humana. A palavra poética, no dialeto, não nomeia um mundo pré-existente; ela o constitui, oferecendo um chão simbrico onde uma comunidade pode se reconhecer. A fidelidade de Contini ao texto, em sua materialidade mais ínfima, é uma forma de resistência contra a abstração homogenizadora. Sua crítica não oferece chaves mestras ou sistemas fechados; ela nos convida a perder-nos no labirinto da linguagem, confiando que é apenas nesse extravio que o sentido, sempre provisório, pode nos surpreender.

Deste modo, o referencial teórico que aqui se constrói não é uma moldura rígida, mas um horizonte de interrogação. A pergunta pela sicilianidade na poesia é, em última instância, uma pergunta sobre o direito à diferença, sobre a possibilidade de cantar o mundo em uma língua que é, ela própria, um mundo. A filologia de Contini não dá a resposta, mas nos ensina a formular melhor a pergunta, a ouvir, por trás das palavras, o rumor do mar e o sotaque de uma ilha.

3 METODOLOGIA

Todo estudo que se pretenda rigoroso enfrenta uma questão fundamental: como abordar o seu objeto sem violentá-lo, sem reduzi-lo aos limites prévios do próprio método? A metodologia, quando entendida como mera aplicação de técnicas, corre o risco de se tornar uma camisa-de-força, um conjunto de procedimentos que antecipa o que se espera encontrar. Opta-se aqui por um caminho diverso, onde a metodologia não é um protocolo, mas um gesto hermenêutico, um modo de se colocar em relação ao texto que privilegia a escuta sobre a classificação, o diálogo sobre a dissecação.

O ponto de partida é a leitura lenta, atenta, quase tátil, dos escritos de Contini sobre a Sicília e, em especial, do capítulo dedicado a Giacomo da Lentini em sua *Letteratura Italiana delle origini*. Não se trata de extrair conceitos para depois aplicá-los mecanicamente a um corpus, mas de acompanhar o movimento do pensamento do crítico, sua maneira singular de tecer relações entre a história da língua e a força do poético. Essa imersão no texto continiano é o primeiro ato metodológico: deixar-se impregnar por seu ritmo, sua erudição sem alarde, sua convicção de que o detalhe aparentemente menor —

uma rima, uma variante gráfica — pode abrir caminho para compreensões mais amplas.

O segundo movimento consiste no trato com o poema *Parannu cu na stidda*. A escolha recai sobre esta composição não por ser representativa de um todo, mas por sua potência singular. A análise não buscará enquadrá-la em categorias rígidas ou demonstrar teses preestabelecidas. Em vez disso, propõe-se um acompanhamento do seu ritmo, uma observação das suas escolhas lexicais, uma atenção aos seus silêncios e às suas repetições. Como a palavra *stidda* ressoa ao longo dos versos? De que modo a sintaxe siciliana, com suas cadências particulares, conforma a expressão do desejo e da saudade? A análise será, portanto, imanente, buscando compreender a lei interna que rege o poema, a partir de si mesmo.

Este procedimento tem um caráter necessariamente circular. A leitura de Contini ilumina a leitura do poema, mas é a experiência concreta com o texto poético que, por sua vez, relança novas luzes sobre a teoria. Não há uma hierarquia em que a teoria valida a literatura ou a literatura exemplifica a teoria. Ambas se colocam em relação de reciprocidade, num diálogo que não aspira a uma síntese final, mas à ampliação contínua do entendimento. A metodologia, aqui, confia no poder sugestivo do texto, na sua capacidade de fugir às malhas da interpretação totalizante.

Abrem-se mão, deliberadamente, de comparações estatísticas ou de levantamentos exaustivos de corpus. Não se pretende mapear a totalidade da produção poética siciliana, e sim mergulhar na profundidade de um único texto, na convicção de que o universal só se alcança através de um compromisso radical com o particular. A generalização, quando ocorrer, será resultado de uma reflexão que parte da textura viva da linguagem, e não de um desejo de enquadramento classificatório.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ideia de uma origem é sempre uma construção posterior, um ponto de fuga necessário para narrativas que buscam ordenar o caos do tempo. No caso da literatura italiana, a designação da Sicília do século XIII como seu “berço” constitui um desses gestos fundadores, tão potente quanto complexo. Não se trata, porém, de um início simples ou linear, mas de um movimento paradoxal: o que se reconhece como origem é já o fruto de um cruzamento, uma voz plural que carrega em si marcas de um mundo

mediterrâneo muito mais vasto. A chamada Escola Siciliana, florescida sob o mecenato de Federico II, não emerge do vazio, mas de um caldeirão cultural onde latim, árabe, grego bizantino e provençal coexistiam em tensão e diálogo criativos.

A corte de Federico II em Palermo era um espaço singular no panorama europeu da primeira metade do Trezentos. Imperador do Sacro Império, rei da Sicília e de Jerusalém, Federico cultivou uma visão política e cultural que desafiava as fronteiras rígidas entre Oriente e Ocidente, entre o mundo latino-cristão e as influências islâmicas e judaicas. Sua corte foi um centro de tradução, de debate filosófico e de experimentação artística. Nesse ambiente, a poesia produzida não era um simples passatempo aristocrático, mas um elemento central na construção de uma identidade imperial. Os poetas a ela ligados – figuras como Giacomo da Lentini, considerados os criadores do soneto, e outros como Rinaldo d’Aquino e Pier della Vigna – não eram simples trovadores; eram frequentemente notários, funcionários da corte, homens de leis e de letras que traduziam em formas líricas uma nova sensibilidade.

O grande equívoco, frequentemente repetido, é o de ver nessa produção uma mera imitação da poesia provençal. A relação era, na verdade, de profunda transformação. Como assinala Contini (2013, p. 67), “a matéria provençal é transfigurada por uma kointé lingüística siciliana que a abstrai do seu contexto feudal e a projecta numa esfera de abstração stilnovista ante litteram”. Os temas do amor cortês, da fin’amor, são assimilados, mas dessacralizados, submetidos a um tratamento mais intelectual e formalmente rigoroso. A mulher amada, por exemplo, perde parte de sua concretude social para se tornar um princípio abstracto, quase filosófico, antecipando a angélica figura do Dolce Stil Novo.

A questão da língua é nuclear. O “siciliano ilustre” forjado por esses poetas não era o dialeto falado pelo povo, mas uma língua artificial, elaborada, que aspirava à universalidade. Era, nas palavras de Dante, uma “língua volgare illustre” que, partindo da base siciliana, purgava-a de seus particularismos excessivos, buscando uma elegância e uma regularidade gramatical inspirada no latim. Esta é uma das ironias fundadoras da literatura italiana: a sua língua literária nasce de um dialeto insular, mas de um dialeto que já se queria supra-regional. Contini (2013, p. 70) observa com precisão que “o siciliano poético é a primeira tentativa de dar ao vulgar italiano a dignidade de uma língua de cultura, de uma língua ‘gramatical’”. A transmissão posterior desses textos, copiada

por amanuenses toscanos, acabou por “toscanizá-los”, apagando muitos dos seus traços fonéticos originais. No entanto, o estudo das rimas e da métrica, como demonstrou o próprio Contini, permite reconstituir a matriz siciliana subjacente, evidenciando a sua sonoridade peculiar.

A importância formal dessa escola é imensurável. Foi no laboratório siciliano que formas poéticas como o soneto – que teria um percurso tão longo na história da poesia ocidental – foram cunhadas e aperfeiçoadas. A estrutura fixa do soneto, com os seus catorze versos e a sua arquitetura argumentativa, reflecte o gosto por uma forma contida, intelectual, adequada à exploração de um único conceito ou de uma emoção refinada. A canção, igualmente, ganhou uma estrutura métrica mais complexa e definida. Esta herança formal seria directamente herdada pelos poetas toscanos do século seguinte, de Guido Cavalcanti ao próprio Dante. No Canto XXIV do Purgatorio, Dante atribui a Guinizzelli a paternidade do “dolce stil novo”, mas reconhece a dívida para com os “notari” sicilianos, mencionando explicitamente Giacomo da Lentini. É um reconhecimento claro de uma linhagem que vai da Sicília à Toscana.

No entanto, a narrativa de uma simples transferência de primazia da Sicília para a Toscânia simplifica um processo muito mais rico. O que ocorreu foi uma apropriação e uma transformação. A sensualidade e o intelectualismo sicilianos foram filtrados pela espiritualidade florentina, dando origem a algo novo. A originalidade da Escola Siciliana reside precisamente no seu carácter inaugural e, ao mesmo tempo, já complexo. Ela não é uma “infância” ingénuo da literatura italiana; é a sua fundação consciente, erudita e plural. A sua voz, embora depois parcialmente eclipsada pelo triunfo do modelo toscano, permanece como um estrato fundamental da identidade literária italiana, lembrando que essa identidade foi, desde o início, uma síntese de vozes diversas. A origem, portanto, não é um ponto fixo, mas um campo de forças, um diálogo entre línguas e culturas que a literatura italiana nunca deixou totalmente de travar.

Gianfranco Contini consagrou-se como uma das vozes mais originais e eruditas da crítica literária italiana do século XX. Sua formação filológica, aliada a uma sensibilidade aguda para os aspectos formais do texto, permitiu-lhe desenvolver uma abordagem que conjuga rigor científico e profundidade interpretativa. Contini não via o texto como objeto estático, mas como campo de forças linguísticas e históricas, onde variantes, rascunhos e edições convivem em tensão criativa. Essa perspectiva, conhecida

como “crítica das variantes”, recusa a ideia de uma versão definitiva da obra, preferindo explorar as possibilidades significativas que emergem de suas diferentes encarnações materiais (Contini, 1977).

Para Contini, a filologia não era um exercício de arqueologia textual, mas uma ferramenta para capturar o movimento interno da criação literária. Seu interesse por autores medievais e modernos — de Dante a Montale — revela uma constante atenção às soluções formais que cada poeta elabora em resposta às limitações e potencialidades de sua língua. No caso dos dialetos, Contini afastou-se da visão que os considerava formas inferiores ou pré-literárias. Pelo contrário, compreendia-os como sistemas linguísticos completos, dotados de história e de expressividade própria, capazes de produzir obras de alto valor estético. Essa postura permitiu-lhe analisar a poesia siciliana sem os preconceitos que frequentemente a relegavam a um plano secundário.

Em *Letteratura Italiana delle origini* (2013), Contini dedica especial atenção à Escola Siciliana, reconhecendo nela não apenas um momento fundador da literatura italiana, mas um espaço de elaboração linguística refinada. Ao comentar a produção de Giacomo da Lentini e seus contemporâneos, o crítico sublinha *how the Sicilian dialect of the court was not a mere imitation of Provençal or Latin models, but a conscious literary construction, an “illustrious” language that aspired to universalidade gramatical*. Essa concepção desafia a narrativa tradicional que atribui à Toscana o monopólio da legitimidade literária.

A contribuição de Contini, portanto, não se limita ao campo da crítica textual; ela possui implicações epistemológicas profundas. Ao valorizar as variantes e os dialetos, sua obra convida a repensar a própria noção de cânone e a questionar as hierarquias linguísticas que sustentam visões centralizadoras da cultura. Nesse sentido, seu diálogo com a Sicília não é acidental, mas decorrente de uma postura intelectual que busca na diversidade as chaves para compreender a unidade complexa da experiência italiana.

A Sicília é, por excelência, um território de encontros e transformações. Sua posição geográfica no Mediterrâneo fez dela, ao longo dos séculos, um ponto de convergência de culturas, línguas e impérios. Gregos, romanos, árabes, normandos, espanhóis — cada um desses povos deixou marcas profundas na ilha, não apenas na arquitetura ou na organização social, mas sobretudo na língua. O siciliano, longe de ser

um simples dialeto italiano, é o resultado de um processo secular de hibridização, onde estratos linguísticos diversos se superpõem e se fundem.

Do ponto de vista linguístico, o siciliano distingue-se do italiano padrão por características fonéticas, morfológicas e lexicais específicas. Por exemplo, a vogal /i/ frequentemente substitui o /e/ do toscano (como em *stidda* para “*stella*”), e certas consoantes apresentam articulações particulares, herança do contato com o árabe ou o provençal.

A Escola Siciliana, florescida sob o patrocínio de Federico II, é geralmente lembrada como o momento em que a língua vulgar italiana começou a ser usada com ambição literária. No entanto, como assinala Contini, essa “língua vulgar” era, na verdade, um siciliano elaborado, submetido a um processo de regularização e enobrecimento. Os poetas da corte, como Giacomo da Lentini, inventor do soneto, não estavam simplesmente transcrevendo a fala local; estavam criando um instrumento literário consciente, que dialogava com a tradição latina e provençal, mas possuía autonomia estética.

Essa tradição não se interrompeu com o fim da Idade Média. Pelo contrário, a poesia siciliana manteve-se viva ao longo dos séculos, adaptando-se às mudanças históricas e culturais. No século XX, autores como Luigi Pirandello e Salvatore Quasimodo — ainda que escrevendo majoritariamente em italiano — carregam na sua prosa e poesia a cadência e a sensibilidade sicilianas. Mais recentemente, poetas como Nino Barone e Antonio Cattino têm revitalizado o uso do dialeto, demonstrando sua vitalidade como veículo de expressão contemporânea.

A persistência da escrita em siciliano é, assim, um ato de resistência cultural. Num país onde a padronização linguística foi durante séculos instrumento de unificação política, escolher escrever em dialeto é afirmar uma identidade particular, é recusar a assimilação silenciadora. A poesia siciliana, nesse sentido, não é apenas um objeto de estudo filológico; é também um gesto político, uma maneira de preservar a memória e a diversidade.

O poema *Parannu cu na stidda* (“Falando com uma estrela”), do poeta siciliano Giuseppe Gerbino, oferece um exemplo eloquente de como a tradição poética da ilha se mantém viva e relevante. Composto em versos que alternam setesílabos e hendecassílabos, com rimas consonantes regulares, o texto retoma temas clássicos da

língua siciliana — a saudade, o amor distante, o diálogo com a natureza —, mas o faz com uma sensibilidade moderna, que lembra a fluidez das relações afetivas no mundo contemporâneo.

Do ponto de vista linguístico, o poema exhibe traços marcantes do siciliano. Palavras como *stidda* (estrela), *luntanu* (longe), *sugnu* (sonho) e *dissi* (disse) ilustram as transformações fonéticas características do dialeto. A métrica e a estrutura estrófica, por sua vez, revelam uma consciência formal que remonta à Escola Siciliana, mostrando como a herança medieval é reativada e reinterpretada.

A análise continiana permite ler esse poema não como uma relíquia folclórica, mas como uma manifestação viva de um sistema linguístico com coerência interna. Contini insistia na importância de estudar as variantes e as escolhas formais como indícios de uma intenção artística. Em *Parannu cu na stidda*, a opção pelo dialeto não é decorativa; é constitutiva do sentido. A musicalidade do siciliano, com suas vogais fechadas e suas consoantes geminadas, contribui para criar um tom de intimidade e melancolia que seria dificilmente alcançável em italiano padrão.

Além disso, o poema exemplifica o hibridismo histórico da língua siciliana. Termos como *mari* (mar) e *luna* (lua) mostram a herança latina, mas a sintaxe e a morfologia refletem influências mais recentes. Esse cruzamento de tradições não é caótico; obedece a uma lógica interna que a crítica filológica pode ajudar a desvendar. Contini (2013) argumenta que a aparente “irregularidade” dos dialetos muitas vezes esconde uma gramática profunda, produto de uma história complexa.

Nesse sentido, através de vozes como a de Gerbino, a ilha continua a afirmar sua singularidade linguística e poética, recusando-se a ser assimilada por um cânone nacional homogêneo. A poesia dialetal, assim, longe de ser um fenômeno residual, é um espaço de criação e resistência, onde a língua se reinventa sem perder o vínculo com suas raízes.

5 CONCLUSÃO

Este artigo procurou demonstrar how a crítica de Gianfranco Contini oferece um instrumental valioso para repensar o lugar da língua siciliana na história literária italiana. Ao tratar o dialeto não como desvio, mas como sistema linguístico complexo e historicamente constituído, Contini permite superar visões reductionistas que privilegiam

o toscano em detrimento de outras variedades. Sua noção de “dialeto ilustre” ajuda a compreender how a poesia siciliana, desde a Idade Média até a contemporaneidade, elaborou uma tradição própria, marcada pelo hibridismo e pela consciência formal.

A análise do poema *Parannu cu na stidda* confirmou a vitalidade dessa tradição, mostrando como a escrita em siciliano continua a produzir obras de grande força expressiva. Mais do que isso, revelou how a escolha pelo dialeto é também uma escolha política — um modo de afirmar uma identidade cultural que resiste à homogeneização.

A hipótese inicial — de que a abordagem continiana permite ressignificar a língua siciliana como sistema poético autônomo — mostrou-se produtiva. Contini não apenas fornece ferramentas para a análise filológica, mas convida a uma reflexão mais ampla sobre as relações entre língua, poder e identidade. Sua obra lembra que a literatura não se faz apenas com palavras, mas com histórias, memórias e conflitos que se inscrevem na materialidade da língua.

Sugere-se, para estudos futuros, que se explorem outras expressões dialetais italianas à luz da crítica continiana, bem como se investiguem as interfaces entre a variação linguística e questões de classe, gênero e território. A poesia siciliana, com sua riqueza e complexidade, permanece um campo fértil para quem deseja compreender as dinâmicas profundas que moldam a linguagem e a cultura.

AGRADECIMENTOS

Seção facultativa na qual o autor pode expressar agradecimentos às agências financiadoras ou a qualquer outra entidade que tenha contribuído de maneira relevante para o desenvolvimento do trabalho.

REFERÊNCIAS

- CONTINI, Gianfranco. Filologia. Enciclopedia del Novecento. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1977.
- CONTINI, Gianfranco. Letteratura italiana delle origini. Firenze: Sansoni, 2013.
- DANTE ALIGHIERI. A Divina Comédia: Purgatório. Ed. bilingue. Tradução de Vasco Graça Moura. Lisboa: Dom Quixote, 2015.
- GERBINO, Giuseppe. Parannu cu na stidda. In: CATTINO, Antonio (org.). Focu: antologia di poesia siciliana contemporanea. Catania: Edizioni del Sud, 2015. Disponível em: <http://antoniocattino.blogspot.com/2016/10/riflettendo-su-focu-fuoco-poesie-in.html>
- INGLESE, Giorgio. Come leggere la poesia italiana: dalle Origini a Montale. Milano: Bruno Mondadori, 2010.
- LEONARDI, Lino. La tradizione della lirica siciliana. In: Letteratura italiana. Storia e geografia, vol. I: L'età medievale. Torino: Einaudi, 1987. p. 99-128.
- MALATO, Enrico. Filologia e Critica: nel ricordo di Gianfranco Contini. Roma: Salerno Editrice, 1990.
- MASINI, Marco. Antologia Breve: Poesia dialettale siciliana del Novecento. Lisboa: Instituto de Estudos Mediterrânicos, 2016.
- MENGALDO, Pier Vincenzo. La lingua dei Siciliani. In: Storia della lingua italiana. Bologna: Il Mulino, 1994. p. 10-25.
- SANTAGATA, Marco. I poeti della Scuola Siciliana. 3 vol. Milano: Mondadori, 2008.
- SCIASCIA, Leonardo. La Sicilia come metafora. Milano: Mondadori, 1979.
- TAVOLA CIDADANIA. História da Sicília. 2020. Disponível em: <https://tavalacidadania.com.br/historia-da-sicilia/>